

## Inclusão no ensino superior: desafios e possibilidades na formação acadêmica de um aluno com deficiência visual

Inclusion in higher education: challenges and possibilities in academic training of a student with visual disabilities

Inclusión en la educación superior: desafíos y posibilidades en formación académica de un alumno con discapacidad visual

Fabrizio de Paula Santos<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7199-6181>

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.

[Fabricio.santos@unipaclafaiete.edu.br](mailto:Fabricio.santos@unipaclafaiete.edu.br)

Maria Teresa Sudário Rocha<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4142-5593>

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil.

[maria.rocha@unipac.br](mailto:maria.rocha@unipac.br)

### Resumo

Este trabalho objetiva discutir e refletir sobre a inclusão no ensino superior de um aluno com deficiência visual, na sua trajetória de formação. A investigação está vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão - NEPSI/ UNIPAC. A partir de uma abordagem qualitativa de investigação, optou-se por desenvolver um Estudo de Caso. Por meio da metodologia autobiográfica, a partir de uma narrativa, foram criadas categorias para análise do conteúdo. Observou-se que o aluno não enfrentou problemas de acessibilidade no ensino superior e que o capacitismo faz parte do discurso social do referido aluno. Percebeu-se que o uso de tecnologias assistivas são importantes para a acessibilidade das pessoas com deficiência visual. Foi verificado também que o modelo religioso da deficiência é fortemente utilizado pelo aluno. A experiência narrada revelou importantes experiências presentes na formação acadêmica de uma pessoa com deficiência visual. Este fato pode contribuir para pensarmos em uma sociedade mais justa e inclusiva.

**Palavras-chave:** Deficiência visual; Capacitismo; Inclusão; Ensino superior; Narrativa.

### Abstract

This work aims to discuss and reflect on the inclusion in higher education of a student with visual impairment, in their training trajectory. The investigation is linked to the Center for Studies and Research on Inclusion - NEPSI/ UNIPAC. From a qualitative research approach, it was decided to develop a Case Study. Through the autobiographical methodology, based on a narrative, categories were created for content analysis. It was observed that the student did not face accessibility problems in higher education and that capacitism is part of the student's social discourse. It was noticed that the use of assistive technologies is important for the accessibility of people with visual impairments. It was also verified that the religious model of disability is strongly used by the student. The narrated experience revealed important experiences present in the academic formation of a visually impaired person. This fact can contribute to thinking about a fairer and more inclusive society.

**key words:** Visual impairment; Ableism; Inclusion; Higher education; Narrative.

## 1. Introdução

O ingresso de alunos com deficiência no ensino superior tem aumentado nos últimos anos. Segundo o último Censo da educação superior, 48.520 alunos com deficiência matricularam-se em cursos de graduação

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos. Docente da UNIPAC LAFUETE.

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto. Docente da UNIPAC LAFUETE.

no Brasil. Este número representa apenas 0,56% em relação ao total de matrículas do ensino superior no ano de 2019 (INEP, 2019). Diante deste cenário, Lustosa (2020) afirma que a presença dos alunos com deficiência no ensino superior potencializa as lutas e conquistas no direito à inclusão desses indivíduos na sociedade e também questiona as práticas institucionais e pedagógicas que são oferecidas às pessoas com deficiência.

A presente pesquisa pretende trazer reflexões acerca da inclusão de alunos com deficiência no ensino superior, a partir da narrativa de um aluno do curso de psicologia, com deficiência visual, à luz de sua trajetória de formação. A investigação está vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Inclusão - NEPSI, vinculado a Universidade Presidente Antônio Carlos de Conselheiro Lafaiete - Unipac Lafaiete.

A inquietude sobre a temática surgiu na observação sobre o processo de inclusão de um discente do curso de psicologia que tem deficiência visual. Nesta pesquisa, os olhares são voltados a este aluno, que relata, através de uma narrativa, como se dá seu processo de formação acadêmica.

## **2. Metodologia**

### **2.1 Narrativa enquanto metodologia de pesquisa**

O objetivo deste trabalho foi analisar informações a fim de compreender os desafios e os entraves vivenciados por um aluno cego no ensino superior em sua trajetória de formação, a partir de sua própria narrativa. A fim de revelar fatos sobre a sua história de vida, foi escolhida a metodologia narrativa, que é adotada em investigações na área da educação e tem como objetivo, identificar experiências e contextos dos sujeitos participantes (Souza, 2006). O autor afirma que a construção da narrativa de si e a forma em que é organizada, envolvem o contato do sujeito com suas experiências formadoras, perspectivadas a partir das vivências individuais e das atribuições de sentido ao longo da vida. Dessa forma, as narrativas ajudam a refletir sobre os processos de formação do sujeito e, ainda, permitem explicitar a singularidade, compreender o universal, e perceber o caráter processual da formação e da vida (Josso, 2004).

A narrativa foi transcrita integralmente, com omissões da fala do entrevistador, fornecendo um tratamento literário à textualização. As narrativas permitem o acesso a um tipo de conhecimento que não está presente nos modelos das ciências modernas - numa ciência generalizante, a exceção é excluída (Aguilar; Ferreira, 2021). Nesta perspectiva, a entrevista narrativa foi ordenada perseguindo “a lógica discursiva, a moral da história, o sentido ontológico da experiência” (Meihy, 1996, p.147).

Cabe destacar que as pesquisas na área das ciências humanas e sociais são necessárias, pois, a partir delas, é possível discutir sobre problemas enfrentados pelas minorias sociais, sendo a narrativa uma metodologia de pesquisa que permite abarcar parte desses problemas de forma singular.

### **2.2. Análise da narrativa: análise de conteúdo**

A análise de conteúdo foi construída a partir da leitura exaustiva da narrativa, possibilitando a formulação de hipóteses iniciais a respeito dos temas centrais presentes nos diálogos. Para Minayo (1999), o

analista de conteúdo exercita com maior profundidade esse esforço de interpretação e o faz não só sobre os conteúdos manifestos, como também sobre os latentes. No movimento interpretativo podemos destacar duas vertentes. Uma delas relaciona-se a estudos com uma fundamentação teórica. Neste primeiro caso, a interpretação é feita por meio de uma exploração dos significados expressos nas categorias de análise em contraste com essa fundamentação. Na outra vertente, a teoria é construída com base nos dados e nas categorias de análise, formuladas a partir de pontos de conflito e comuns diante dos relatos dos entrevistados.

Foi realizada uma análise temática do material da narrativa. Essa avaliação consistiu em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência tenham algum significado. A existência de determinados temas mostra os valores de referência presentes no discurso dos entrevistados. Segundo Minayo (1999), a análise de conteúdo em termos gerais relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. Articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem.

A verificação de conteúdo reside na decomposição do discurso, a partir das quais se torna possível uma reconstrução de significados que apontem uma compreensão mais profunda da interpretação da realidade do entrevistado (Minayo, 1999).

O texto de análise foi construído e dividido em categorias de acordo com o conteúdo. O mesmo deu-se pelo seguinte percurso: transcrição da narrativa na íntegra e leituras flutuantes para identificar temas de destaque. Após a leitura exaustiva das entrevistas, foram construídas quatro categorias que abrangem temas presentes. São elas: Capacitismo e superação: as marcas da deficiência; Inclusão no ensino superior e capacitação docente; Acessibilidade e tecnologias assistivas e A deficiência e suas atribuições divinas

### **3. Apresentando o personagem da narrativa**

Antes de apresentarmos a narrativa, é necessário conhecer um pouco do personagem principal da pesquisa. Seu nome é Luan<sup>3</sup>, um homem caucasiano, com 25 anos, nascido em uma cidade do interior de Minas Gerais - Conselheiro Lafaiete (129.600 habitantes). Luan foi escolhido para a pesquisa por ser aluno de graduação, sempre ter contato com os professores de diversos cursos na Universidade e em ações interdisciplinares na Faculdade. Foi essa experiência que permitiu dar enfoque a essa temática. Luan, aluno do curso de Psicologia, tem deficiência visual. Ele nasceu com 40% da visão, perdendo de forma crescente - sintomas ocasionados por toxoplasmose congênita. Assim, aprendeu o braille.

A narrativa foi construída em um bloco único, corrido, sem parágrafos ou divisões de temas. Para ouvir e construir sua narrativa, foi realizada uma entrevista através do *google meet*, a fim de conhecer, entender e problematizar seu processo de formação. Para tanto, foi elaborada uma questão geradora a partir do que se

---

<sup>3</sup> Nome fictício.

pretende pesquisar: *“Fale a respeito da sua trajetória de formação, no ensino superior em psicologia, começando pelos agentes motivadores para a escolha do curso. Neste momento, considere seu contexto social e familiar. Reflita o que considera importante no processo de inclusão de alunos com deficiência no ensino superior, sobretudo, no curso de psicologia. Relate como se dá o trajeto que você faz da sua residência até a Universidade, e como você percebe os processos de aprendizagem em suas aulas”*.

A pesquisa pretende entender e discutir aspectos surgidos a partir da questão geradora, mas nem sempre na ordem em que foram colocadas. A questão geradora elaborada na realização da entrevista narrativa é flexível e não se limita a perguntas fechadas. Essa prática é um ponto positivo, deixando o narrador à vontade para contar sua história, com pouca influência do pesquisador (Jovchelovitch; Bauer, 2011).

A partir da questão geradora, o texto de análise foi construído e dividido em categorias de acordo com a narrativa do aluno. Foi feita a transcrição da narrativa na íntegra e leituras flutuantes para identificar temas de destaque. Assim, foram construídas três categorias que abrangem temas presentes: Capacitismo e superação: as marcas da deficiência; Inclusão no ensino superior e capacitação docente; Acessibilidade e tecnologias assistivas; e Modelo Religioso da deficiência.

#### **4. Trajetória de formação a partir do olhar de um aluno com deficiência visual no ensino superior**

*Meu nome é Luan. Eu estou no quarto período de psicologia. Iniciei no meio do ano de 2020, no segundo semestre, comecei a fazer a faculdade já no formato on-line, devido à pandemia do novo coronavírus. E, pra mim, foi uma experiência sensacional. Eu consegui interagir bem com os professores. A gente articula os materiais, eles me mandavam por e-mail. Participava muito das aulas, gostava de fazer perguntas, fazer comentários a respeito do que era discutido em sala no modelo remoto e, graças a Deus, obtive êxito, fiquei com notas ótimas. Passei bem, fiquei 3 semestres no formato on-line. Agora estou no quarto período, no modelo presencial. Estou indo bem. A motivação em fazer a psicologia não foi por influência familiar. É que algumas pessoas me falaram, né? Para eu fazer psicologia, por causa dessa habilidade que eu tenho de ouvir, né? E realmente eu gosto muito de conversar, de ter esse contato, né? Social, de ouvir, de escutar, de orientar. Então eu fui percebendo essas habilidades em mim e aí eu decidi seguir a psicologia. Porque eu considero que é uma profissão, é claro que é difícil, mas num contexto atual, necessária. Para que a gente possa ajudar as pessoas aí que precisam de acolhimento, não é? Pessoas que estão enfrentando depressão, é, vários outros transtornos. Pessoas que estão com o psicológico afetado, principalmente devido à situação que a gente viveu, pandêmica, que mexeu com o psicológico de muita gente. Então, eu considero que a psicologia está sendo um aprendizado excelente. A gente aprende a compreender mais a situação das pessoas e acolhê-las, em vez de julgá-las. A psicologia tem essa vantagem, que ela não julga ninguém, ela procura ajudar e acolher as pessoas. E pra mim, assim, é uma experiência maravilhosa, né? Inclusão da pessoa com deficiência no ensino superior, porque isso nos incentiva muito. A gente ter a nossa profissão, ter a nossa independência, né? É muito importante que a gente não seja acomodado. Que a gente não se vitimize diante das situações. Porque, afinal de contas, a deficiência é apenas uma limitação que a gente tem, mas ela não impede de nós progredirmos no ensino superior e de ter a nossa autonomia. Tanto é que a psicologia tem uma outra vantagem que eu acho que é, que eu acredito, que é maravilhosa, que é focar na potencialidade da pessoa e não na deficiência em si. Isso é muito importante por que? Porque eu psicólogo, ele não pode ter uma postura preconceituosa. Ele precisa acolher a pessoa com deficiência e focar nas habilidades que ela pode desenvolver após adquirir alguma limitação, seja ela visual, seja ela auditiva, física, não importa. O importante é que o psicólogo trabalhe nela, na sua*

reabilitação psicológica e enfim, ajudar ela pensar junto o que ela pode fazer para poder levar uma vida útil. Porque, afinal de contas, a vida não acabou, né? Com a deficiência em si, né? A gente, eu, acho que a gente recomeça uma vida nova, a gente aprende outras habilidades e outros sentidos. A gente desenvolve os outros sentidos e a deficiência, seja ela qual for, ela não tem esse poder de nos incapacitar. Pelo contrário, a gente tem mais facilidade de desenvolver outras habilidades que a gente não tinha antes. E hoje é possível, não é? Hoje é possível devido às tecnologias que eu, que a gente utiliza, inclusive utilizo o aplicativo “arroba (@) voz”, que lê o PDF, para não precisar de utilizar só o braile. Né? Eu utilizo as tecnologias assistivas ou Word, o PDF, os leitores de tela fazem a leitura para mim das matérias, das disciplinas. Antigamente, realmente era quase que impossível da gente fazer algum curso, da gente poder estudar. Ter a nossa vida própria. Hoje não, Graças a Deus e as pessoas que tiveram essa criatividade de inventar esses equipamentos que são tão necessários para o nosso progresso que nos possibilita essa autonomia. E então hoje a gente percebe que estudar e trabalhar, na condição de PCD, é possível, basta querer e ter força de vontade. Isso eu sempre tive, graças a Deus, nunca fui uma pessoa acomodada, nunca fui uma pessoa que fica se vitimizando, se fazendo de coitadinho, porque coitadinho ninguém é. Nós somos pessoas. Nós somos seres humanos, né? Como qualquer outra pessoa e nós temos todas as condições do mundo para poder buscar aí. A nossa profissão de exercê-la, né? Com imparcialidade, honestidade, com integridade e eu fico muito feliz de poder estar fazendo um curso superior, de ter essa oportunidade que a Faculdade está me dando, de cursar um curso tão importante, tão necessário nos dias de hoje que é a psicologia. E também de estar contribuindo para ajudar as pessoas nessas situações difíceis que a gente vê no dia a dia e de poder estar sendo útil para a sociedade. Afinal de contas a gente não forma só pra gente, a gente forma pras pessoas, pra acolher e ajudar o ser humano, e é o que esse curso tão maravilhoso, que eu tô adorando, tô amando fazer psicologia, proporciona. Não só para a gente que está estudando, que a gente aprende muito a ter outra visão. Eu posso dizer que eu aprendi muito com a psicologia. Mudou muito meu conceito em relação às coisas. Estou aprendendo a cada dia, cada dia que passa eu tô gostando mais ainda do curso. E realmente está me transformando muito, e tenho certeza que isso vai me possibilitar no futuro de exercer a minha profissão. Pretendo trabalhar com pessoas com deficiência, incentivá-las a desenvolver a sua potencialidade, mostrar a elas que a vida não termina aqui, ela apenas está recomeçando com um olhar diferente, mas mostrando a ela que ela pode sim ter uma vida útil, que ela pode sim desenvolver os outros sentidos que ela tem para que ela possa progredir no contexto acadêmico, social, no trabalho, seja onde for. Para que ela não venha a ter um pensamento de que ela não tem valor nenhum para sociedade, pelo contrário, ela tem mais a ensinar as pessoas, com o seu esforço, com o seu conhecimento, bem com a sua dedicação, do que trazer alguma ideia preconceituosa ou discriminatória que possa levar a sociedade a pensar que ela não tem condições nenhuma de se desenvolver nas questões trabalhistas, sociais, educacionais. Todos nós temos habilidades, basta que a gente não se entregue à deficiência, mas pelo contrário, que a gente busque ter um desempenho favorável, nos dedicar, porque os frutos a gente colhe lá na frente, e isso que é importante. Então eu agradeço muito o apoio que a Faculdade está me dando, os professores, os meus amigos que eu gosto muito, são pessoas que me ajudam, são pessoas que Deus colocou no meu caminho e eu sou muito grato a Ele por isso. Por Ele ter colocado pessoas tão boas no meu caminho pra poder me ajudar e me auxiliar, porque isso aí é uma convicção pessoal minha, já não vou falar assim como um psicólogo, mas vou falar como uma pessoa, Deus Ele é perfeito em tudo que Ele faz, então se Ele permite que alguém tenha alguma deficiência é porque Ele sabe que a pessoa vai dar conta e ela vai conseguir ter uma vida útil na sociedade. É o meu caso também, graças à Deus estou progredindo bem na faculdade e quero avançar cada vez mais, quero fazer estágio na área da educação, na área clínica e pretendo ir para a clínica, trabalhar na clínica clinicando, na área existencial humanista, ajudando com a minha abordagem da melhor forma que eu posso, exercendo a minha postura ética, a minha postura íntegra, aquilo que o conselho com seus requisitos estabelece. Pode ter certeza que eu vou sempre buscar ajudar as pessoas e não julgá-las, que é o que o psicólogo deve fazer. A acessibilidade na faculdade é ótima. A gente tem lá o piso tátil que me facilita a transitar pelo espaço, a identificar os lugares em que eu quero ir. Claro que o meu colega, os meus colegas sempre me ajudam né. O meu colega que estuda comigo o Carlos me ajuda muito, mas as outras pessoas sempre que podem me ajudar elas ajudam, então eu fico muito satisfeito com isso né, com as placas em braile que a faculdade colocou nos banheiros nos corredores, então assim, é... muito gratificante ver o quanto que a inclusão se torna cada vez mais real no meio acadêmico. Claro

*que precisa progredir mais a inclusão. Acredito que ela está engatinhando, mas eu tenho certeza que no futuro isso aí vai melhorar cada vez mais e a gente tem que buscar lutar por isso, e é por isso que eu sempre “tô” trazendo ideias pra faculdade, sempre “tô” discutindo, sempre “tô” lutando para que a gente possa crescer mais nesse sentido, nesses processos tão necessário, tão importante que é a inclusão das pessoas com deficiência no ensino superior. Eu vou de van para a Faculdade, vou de transporte escolar... os meus amigos da van me ajudam muito também, sempre que precisar eles me dão auxílio. E o aprendizado está sendo excelente, eu acompanho as aulas, foco naquilo que o professor está falando, sempre estou comentando também, igual eu fazia quando era on-line, sempre estou participando das aulas perguntando, comentando, interagindo, porque isso também é muito importante, a participação do aluno e, principalmente, do aluno com deficiência. É muito importante na sala de aula, até para que o professor veja onde que tá a dificuldade dele, o que ele precisa melhorar e ver também o seu progresso, aquilo que ele realmente está entendendo. Então a participação ela é importante por causa disso, porque o professor ele passa a enxergar no aluno...né... o seu desempenho, a sua dedicação e aquilo que ele precisa aprimorar para poder concretizar todo o seu projeto educacional, todo o seu processo acadêmico. E para mim tá sendo uma oportunidade muito boa, tenho obtido resultados excelentes nas provas, nos trabalhos, sempre procuro interagir com os meus colegas, a gente faz trabalho junto, debate, discute, vê o que que tem que fazer. Hoje eu também sou líder da minha turma desde o primeiro período, graças a Deus. Venho representando a turma, a gente discute, traça metas, do que precisa ser feito, estou sempre fazendo um trabalho de mediação com meus colegas e os professores para que a gente possa desenvolver um trabalho e um relacionamento saudável. É isso que eu queria dizer pra vocês, nesse sentido e espero ter contribuído aí pra pesquisa aí de vocês, um abraço, boa tarde e fiquem com Deus e mais uma vez, muito obrigado por mais esta oportunidade que a Faculdade está me proporcionando. A minha deficiência é visual né, eu nasci com 40% da visão, eu tive toxoplasmose congênita, minha mãe contraiu na gravidez e aí com o tempo eu fui perdendo a visão por conta da própria doença, que me proporcionou isso. Então, eu inclusive, na escola, quando eu estudava eu utilizava letra ampliada, que eu tinha baixa visão. Com a perda da visão crescente aí eu comecei a aprender o braile e aí a partir do quinto ano do ensino fundamental eu comecei a utilizá-lo na sala de aula e até hoje eu utilizo.*

## **5. Resultados e discussão:**

### **5.1. Capacitismo e superação: as marcas da deficiência**

Para iniciarmos a análise desta categoria, é importante conceituar o termo capacitismo. Seria uma “leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes (Vendramin, 2019, p.17)”. Camargo e Carvalho (2019) apontam que o capacitismo consiste na crença de que pessoas fisicamente aptas são superiores às pessoas com deficiência, caracterizando um status de segunda classe, inferior, em comparação às pessoas sem deficiência consistindo em “um neologismo que sugere um afastamento da capacidade, da aptidão, pela deficiência” (Dias, 2013, p.13). Sendo assim, está intrinsecamente ligado ao que a sociedade apresenta como “normal”. E, conseqüentemente, estar em condições diferenciadas de desenvolvimento “natural” do ser humano é também estar em desvantagem (Pessoa, 2018). Essa dicotomia entre o normal e o anormal, é estabelecida de acordo com a cultura vigente e é culturalmente apropriada como critério de ordenação e hierarquização do mundo (Pacheco, 2011).

Luan, em sua narrativa, nos ajuda a perceber e evidenciar a forma capacitista a qual as pessoas com deficiência estão sujeitas no convívio social:

"Para que ela não venha a ter um pensamento de que ela não tem valor nenhum para sociedade, pelo contrário, ela tem mais a ensinar as pessoas, com o seu esforço, com o seu conhecimento, bem com a sua dedicação, do que trazer alguma ideia preconceituosa ou discriminatória que possa levar a sociedade a pensar que ela não tem condições (...) de se desenvolver nas questões trabalhistas, sociais, educacionais"(Luan).

"Mas mostrando a ela que ela pode sim ter uma vida útil, que ela pode sim desenvolver os outros sentidos que ela tem para que ela possa progredir no contexto acadêmico, social, no trabalho, seja onde for" (Luan).

Nestes dois trechos Luan coloca que as pessoas com deficiência se afirmam socialmente, no sentido de valorização, quando conseguem se aproximar da lógica de "normalidade", comparando-se às pessoas que não apresentam deficiência. Também, Luan aponta como a sociedade é cruel com as pessoas com deficiência, que as julgam por sua condição. Por outro lado, quando afirma que as pessoas com deficiência podem ser úteis, levando em consideração o trabalho e o estudo, ele reforça a lógica capacitista, que reconhece o sujeito com deficiência como inferior, comparando-se às pessoas sem deficiência. Ao dizer que as pessoas com deficiência precisam mostrar à sociedade que pode ser útil, de certa forma, ele concorda com a visão social capacitista.

Importante ressaltar que, mesmo que algumas pessoas com deficiência ocupem lugares sociais de destaque, ainda não se pode desconsiderar a opressão social que essas pessoas enfrentam quando não conseguem acesso a espaços que não comportam todos os sujeitos, tais como escolas e locais de trabalho. Um questionamento feito por Diniz (2012) reforça essa ideia de opressão, apontando que as estruturas sociais provocam segregação. "Quem é deficiente para o modelo social da deficiência? Seria um corpo com lesão o que limitaria a participação social ou seriam os contextos pouco sensíveis à diversidade o que segregaria o deficiente?". Essas reflexões são pertinentes para uma sociedade que se diz inclusiva.

## **5.2. Inclusão no ensino superior e capacitação docente**

Luan decidiu integrar a formação em psicologia, tendo ingressado no segundo semestre de 2020. Por mais que já se discuta sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiências no ensino superior, aqui adicionamos um novo recorte a ser considerado: o ensino remoto emergencial adotado devido à pandemia do novo coronavírus. Há de se esperar que a experiência fosse complicada, por já oferecer complicações no acesso aos equipamentos e à conectividade à internet e nas formas de desenvolver os conteúdos (Faria et al., 2021). Porém, Luan contempla essa etapa, em suas palavras, como uma "experiência sensacional". Sua interação com os professores e a articulação dos materiais foram tópicos exaltados como parte do sucesso nessas vivências. Mas isso só pôde ser possível mediante a sua participação nas aulas, fazendo perguntas e comentários, trazendo êxito também em suas notas.

Seu êxito nas notas também continuou no retorno às aulas presenciais. Luan afirma acompanhar tudo o que os professores falam, compartilhando ideias e interagindo com os colegas – fato que este considera importante, principalmente, para o aluno com deficiência, no sentido de que o professor deve ter respostas

dos processos de ensino-aprendizagem do aluno: o que necessita melhorar, os progressos, o desempenho e as dificuldades. Tudo a fim de auxiliar na concretização do projeto educacional acadêmico deste aluno.

Graças a essas percepções e por sua dedicação exemplar, Luan é o líder de sua turma desde o primeiro período, representando os discentes. Ele acredita na inclusão da pessoa com deficiência no ensino superior a fim de trazer cada vez mais autonomia a esses estudantes. Ele valoriza a oportunidade que tem, acredita na profissão que escolheu e reconhece que há poucos anos atrás era muito difícil encontrar uma pessoa com deficiência em algum curso superior e ter a possibilidade de ter a própria vida. Nas últimas décadas foi observado um aumento significativo no número de discentes com deficiência no ensino superior no Brasil (Sá; Dea, 2020).

A primeira instituição que atendia pessoas com deficiência foi a criação, por Dom Pedro II, do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que passou a se chamar Instituto Benjamin Constant, em 1891. Porém, foi só a partir da Declaração Mundial de Educação para Todos (Conferência de Jomtien – 1990), que se optou pela construção de um sistema educacional inclusivo (Costa, 2012). Além disso, uma das mudanças que permitiu uma maior presença das pessoas com deficiências nas instituições de ensino superior, foi a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que instituiu o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015). Nesta legislação é reafirmado que toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas sem sofrer nenhuma espécie de discriminação. Também interfere nesse acesso, a Meta 4 do Plano Nacional da Educação (2014), que pretende:

Universalizar o acesso para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (Brasil, 2014).

O alcance dessa meta movimenta o acesso das pessoas com deficiência ao ensino superior, pois para alcançarmos a igualdade de acesso a este nível de ensino, é preciso oferecer melhores condições no ensino básico (Felicetti; Morosini, 2009). A inclusão e a acessibilidade devem estar presentes no sistema educacional em todos os níveis e modalidades, da educação básica à educação superior.

E essas condições são de diferentes ordens, como, por exemplo, o acesso às instalações físicas das instituições. Nesse sentido, Luan elogia a estrutura da faculdade, falando sobre o piso tátil, as placas em braile colocadas em todas as acomodações e os corrimões nos banheiros. Na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) foi firmado que os estados devem assegurar “acessibilidade aos meios físico, social, econômico e cultural, à saúde, à educação e a informação e comunicação, para possibilitar às pessoas com deficiência o pleno gozo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais”. Portanto, a real inclusão abrange não somente o acesso, mas também a permanência e, sobretudo, o sucesso, ou seja, a aprendizagem de todos e de cada estudante (Vieira; Nascimento, 2019).



Os autores então advogam que, na educação superior, apenas o aumento da oferta de vagas em vestibulares não é suficiente para garantir que o aluno incluso não seja segregado – é necessária uma abordagem diferente, com metodologias de ensino que propiciem um modelo de educação que possa trazer a real inclusão dos alunos. Dessa forma, os professores e alunos precisam se adaptar às novas exigências.

A qualidade de um processo ensino-aprendizagem de sucesso dos estudantes, está relacionada à formação dos professores. Então é necessário buscar o desenvolvimento entre os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem, a fim de assegurar uma educação de qualidade para todos, além de ser necessária uma adaptação de currículos, estratégias de ensino, recursos, parceria com a comunidade, entre outros (Vieira; Nascimento, 2019). Dessa forma, a formação docente e de outras pessoas envolvidas é extremamente importante, com foco no potencial de cada aluno (Faria et al., 2021). Como Luan afirmou, ele sempre contou com o apoio dos professores, porém, são muitos os docentes que afirmam não estarem preparados para lidar com diferentes metodologias de ensino que abarcam uma grande diversidade de alunos (Arruda; Castro; Barreto, 2020).

As metodologias utilizadas por esses professores, são um tema a se considerar nessa problemática. As metodologias ativas podem ser auxiliares relevantes para conseguir a inclusão dos alunos, nesse sentido, pode-se incluir a utilização de recursos didáticos que favoreçam o aprendizado crítico-reflexivo: recursos visuais, vídeos, textos, atividades, que possam atender às diversas necessidades dos alunos (Vieira; Nascimento, 2019). No ensino superior, o docente deve conduzir o aprendizado e fornecer materiais e estímulos necessários para que o aluno consiga realizar as tarefas.

É importante trazer a devida relevância à formação continuada para os professores enquanto uma forma de potencializar novas práticas pedagógicas, recursos didáticos, metodologias e processos de avaliação e de acompanhamento de cada aluno (Vieira; Nascimento, 2019). E com uma rede integrada de diversos profissionais, como pedagogos, especialistas e outros, é possível organizar uma metodologia que possibilite incluir o aluno.

Luan, mesmo com suas vivências e êxitos, acredita que é preciso progredir mais na discussão da inclusão. Dentre essas discussões, precisamos buscar também novas abordagens, como, por exemplo, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), cada vez mais uma importante ferramenta, principalmente quando utilizada como Tecnologia Assistiva (Rocha; Miranda, 2009).

### **5.3. Acessibilidade e tecnologias assistivas**

Consideramos importante pontuarmos sobre acessibilidade e tecnologias assistivas, considerando importante para as pessoas com deficiência visual, como o caso do Luan, uma vez que a acessibilidade promove condições de integração social e melhora a qualidade de vida, permitindo que essa que as pessoas com deficiência possam interagir com o ambiente que a cerca de maneira autossuficiente. Luan pontua que utiliza as tecnologias assistivas, sendo muito importante no seu processo de inclusão.

A questão do uso das tecnologias no ensino não se coloca apenas ao nível de uma mudança tecnológica (Laurillard, 1993; Ramsden, 1992), mas também associada a uma mudança nas concepções do modo como se aprende, à mudança das formas que são feitas as interações entre quem aprende e quem ensina e à mudança de como se reflete sobre o conhecimento e sua natureza (Teodoro, 1992).

A cegueira é a ausência total da acuidade visual e a baixa visão é a ausência parcial, ambas podendo ser resultado de uma série de problemas pré e pós-natais (Brasil, 2013). Para traçar ações de intervenção, faz-se necessário compreender as melhores formas de atuação e atender a cada subjetividade do sujeito. Segundo Gonzáles (2007, p.111) "as melhores áreas de intervenção incluem a prevenção, o desenvolvimento de habilidades, a aprendizagem para o uso de mobilidades alternativas, o treinamento em orientação e mobilidade". O autor ainda descreve que dentro destes tipos de intervenção existem vários níveis de atuação: individual, coletiva (analisados problemas que aparecem nas relações interpessoais), médica, técnica (utilização de instrumentos de auxílio), intervenção educacional (trabalho com a educação escolar).

Dentre as importantes mudanças que a escola e o professor precisam incorporar, destaca-se a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC, que constituem um diversificado conjunto de recursos tecnológicos, tais como: computadores, internet e ferramentas que compõem o ambiente virtual (Teixeira, 2010). Ao descrever a necessidade educativa especial da pessoa cega, pode-se apresentar recursos tecnológicos variados, disponibilizados gratuitamente. Tecnologia Assistiva é uma expressão para identificar os recursos e serviços que favorecem o aprendizado e ampliam as habilidades funcionais de pessoas com deficiência (Schirmer et al., 2007).

De acordo com Bersh (2017), as Tecnologias Assistivas podem ser compreendidas como recursos e serviços que estimulam o desenvolvimento de habilidades funcionais das pessoas com necessidades específicas para promover a independência e a inclusão, fato afirmado pela narrativa de Luan, na utilização de tecnologias assistidas para o seu processo de aprendizagem. Nesse contexto, há de se pensar nas possibilidades para o uso de Tecnologias Digitais para permitir o desenvolvimento integral de cada sujeito, dentro de cada particularidade e necessidade educativa especial no ensino superior.

Segundo Torres, Mazzoni e Alves (2002) os sistemas de informática utilizados por pessoas com necessidades específicas podem ser utilizados para trabalho, aprendizagem e comunicação. Para algumas pessoas eles atuam como complemento permitindo melhorias nas formas como desempenham suas atividades, e, para outras, eles são imprescindíveis sendo apenas através delas que eles conseguem se expressar.

Rodrigues e Alves (2013) revelam que não basta incluir recursos de Tecnologias Assistivas, mas levar o olhar para a acessibilidade nos âmbitos metodológico, atitudinal, arquitetônica, instrumental, programática, nas comunicações e natural.

[a acessibilidade] é um processo dinâmico, associado não só ao desenvolvimento tecnológico, mas principalmente ao desenvolvimento da sociedade. Apresenta-se em estágios distintos, variando de uma

sociedade para a outra, conforme seja a atenção dispensada à diversidade humana, por essa sociedade, à época (Torres; Mazzoni; Alves, 2002, p.83).

Agir dentro das necessidades de cada sujeito em suas particularidades requer um processo dinâmico, com foco em todas as instâncias para o desenvolvimento integral da pessoa cega. A questão de inclusão não se refere especificamente às pessoas com deficiência, mas é um conceito que diz respeito a todos, já que cabe a cada um aceitar os demais e a ele mesmo, de acordo com suas condições específicas e especiais, seu modo de pensar e de viver (Amarilian, 2009).

#### 5.4. A deficiência e suas atribuições divinas

No campo de estudos da deficiência, alguns autores se debruçam a problematizar sobre como a sociedade contemporânea ainda se pauta em aspectos religiosos para pensar sobre a deficiência (Pereira, 2008; Diniz, 2012). A perspectiva religiosa sobre a pessoa com deficiência, desde a antiguidade, caracteriza-se no campo sobrenatural. Para contextualizar essa perspectiva, abordam-se dois sentidos: o primeiro da aceitação, tolerância ou apoio e o segundo pela exterminação, eliminação ou menosprezo.

Na primeira, as pessoas que estão à margem do grupo principal devido a doenças, acidentes, velhice ou defeitos físicos são em geral aceitas das mais variadas maneiras, incluindo-se a tolerância pura e simples, chegando até o tratamento carinhoso, ao recebimento de honrarias e à obtenção de um papel relevante na comunidade. Na segunda, todavia, essas mesmas pessoas são destruídas também de forma variadas, incluindo-se desde o abandono à própria sorte em ambientes agrestes e perigosos, até a morte violenta, morte por inanição ou próprio banimento (Silva, 1987, p.23).

Ainda de acordo com o autor, algumas tribos ou povos ditos “primitivos” determinavam o destino de pessoas com deficiência através da segregação ou mesmo da morte. Algumas tribos atribuíam aos idosos os mesmos destinos desses indivíduos. Para Pereira (2008), entre os povos antigos o nomadismo era uma prática corriqueira e, em decorrência dos constantes deslocamentos, era fundamental que cada um cuidasse de si e ajudasse o próximo. Com isso, as pessoas com deficiência que se tornassem empecilho para prática acabavam por ser abandonadas. Essa associação das pessoas com deficiência a divindades é característica do modelo religioso da deficiência. Esse modelo que atravessa séculos fica presente nas falas de Luan, quando afirma:

“Deus Ele é perfeito em tudo que Ele faz, então se Ele permite que alguém tenha alguma deficiência é porque Ele sabe que a pessoa vai dar conta e ela vai conseguir ter uma vida útil na sociedade” (Luan).

Ao dizer que Deus permite que algumas pessoas "selecionadas" venham ao mundo com deficiência, elas são "abençoadas" por um poder divino, Luan reforça o modelo religioso da deficiência, que pode santificar o sujeito com deficiência ou colocá-lo em situação de pecador. Fica claro que, apesar desse modo de enxergar a deficiência foi criado no século XVIII, ainda percebemos essas falas arraigadas nos dias atuais.

## 6. Reflexões finais

A narrativa permitiu conhecer e refletir sobre a realidade vivida singularmente de um aluno do curso de psicologia, com deficiência visual, evidenciando sua subjetividade e sua constituição de sujeito. Portanto, a narrativa de Luan permite desnudar momentos da história de vida compartilhada por esta pesquisa.

Foi possível identificar que Luan não enfrenta problemas de acessibilidade onde estuda. Ressaltamos que o não acesso ou acesso restrito de qualquer indivíduo em locais como clubes, teatros, salas de aula, entre outros locais de uso comum a todos reforça o processo de exclusão, que o modelo social da deficiência denuncia como opressão. É visível que os professores de Luan pensam e planejam suas aulas respeitando sua condição de deficiência, atendendo, desta forma, um direito constitucional que afirma que a Educação é direito de todos.

Um aspecto que chamou atenção na narrativa de Luan foi sobre sua inclusão no ensino superior. Segundo ele, a inclusão ocorre de forma satisfatória, atendendo toda sua necessidade enquanto pessoa com deficiência. Apesar de existirem documentos norteadores que reforçam a inclusão de alunos com deficiência no ensino superior, o que causou estranheza foi Luan não ter relatado nenhum tipo de dificuldade no ambiente escolar, uma vez que relatou que depende de ajuda dos amigos para deslocar-se neste ambiente e que adaptações precisam ser feitas para o acompanhamento das aulas.

Ficou nítida a presença do discurso do modelo religioso da deficiência, que coloca a deficiência de Luan como um ordenamento Divino. Por fim, essa questão do capacitismo é muito presente na vida das pessoas com deficiência. Para tanto, o olhar de limitação, de privação, em nome de um pseudocuidado com o outro pode negar as possibilidades que esse sujeito tem para realizar determinadas tarefas.

Tal perspectiva nos leva a diversos questionamentos que dizem respeito à relação da sociedade com o sujeito com deficiência no exercício do seu direito de participação social. Nesse sentido, podemos questionar: Que lugar é dado à pessoa com deficiência no espaço escolar?; O que o professor enxerga no sujeito com deficiência? A deficiência ou a funcionalidade? Esses questionamentos devem fazer parte das reflexões dos professores, pois as instituições de ensino são lugares heterogêneos, com alunos de diferentes condições, quilombolas, imigrantes, com deficiência, negros, LGBTQIA+. Lugares em que pensar a inclusão deve ser inerente à dinâmica e ao cotidiano.

## Referências

- Aguiar, T. B., & Ferreira, L. H. (2021). Paradigma Indiciário: abordagem narrativa de investigação no contexto da formação docente. *Educar em Revista [on-line]*, 37 <https://doi.org/10.1590/0104-4060.74451>.
- Amarilian, M. L. T. (2009). Comunicação e participação ativa: a inclusão de pessoas com deficiência visual. In M. L. T. Amarilian (Org.). *Deficiência visual: perspectivas na contemporaneidade*. São Paulo: Vetor.
- Arruda, A. T. F. P., Castro, L. L., & Barreto, R. F. (2020). Inclusão no ensino superior: um desafio para a docência. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, 1(2), p. 1-6.
- Bersch, R. (2017). Introdução à Tecnologia Assistiva. Centro Especializado em desenvolvimento Infantil. Porto Alegre, p.1-19. [https://www.assistiva.com.br/Introducao\\_Tecnologia\\_Assistiva.pdf](https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf).

- Brasil. (2013). Ministério da Saúde. Diretrizes de Atenção à Saúde Ocular na Infância: detecção e intervenção precoce para prevenção de deficiências visuais / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, p. 40.
- Camargo, F. P., & Carvalho, C. (2019). Do Direito à Educação de Alunos com Deficiência: a Gestão da Política de Educação Inclusiva em Escolas Municipais Segundo os Agentes Implementadores. *Revista Brasileira de Educação Especial [online]*, 25(4).
- Costa, V. A. da. (2012). Educação Escolar Inclusiva: demanda por uma sociedade democrática. *Revista Educação Especial*, 1(1), p. 19-32.
- Dias, A. (2013). Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. In Anais do II Simpósio Internacional de Estudos sobre Deficiência: São Paulo.
- Diniz, D. (2012). O que é deficiência. Ed.1. São Paulo: Brasiliense.
- Felicetti, V. L., & Morosini, M. C. (2009). Equidade e iniquidade no ensino superior: uma reflexão. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.* 17(62), p. 9-24.
- Ferreira de Faria, P. M., Lopes Venâncio, A. C., Corrêa Schwarz, J., & de Camargo, D. (2021). Inclusão no ensino superior: possibilidades docentes a partir da Teoria Histórico-Cultural. *Linhas Críticas*, 27, e35389. <https://doi.org/10.26512/lc.v27.2021.35389>
- Gonzáles, E. (Org). (2007). Necessidades educacionais específicas: intervenção psicoeducacional. Porto Alegre: Artmed.
- Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais (INEP). Censo da Educação Superior: Sinopse Estatística – 2019. [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Apresentacao\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf).
- Josso, M. C. (2004). Experiências de Vida e Formação. Trad. José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2011). Entrevista Narrativa. In M. W. Bauer, & G. Gaskell. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. (9. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, p. 90-113.
- Laurillard, I. (2015). Percepção de pesquisadores médicos sobre metodologias qualitativas. *Cad. Saúde Pública*, 31(4), p. 1-11.
- Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: DOU, 2014.
- Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com deficiência). Brasília, DF: DOU, 2015.
- Lustosa, F. G., & Ribeiro, D. M. (2020). Inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior: exigências de reconfiguração de saberes, concepções e práticas docentes. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 15(esp2), p. 1523-1537.
- Meihy, J. C. S. B. (1996). Manual de História Oral. Loyola, São Paulo.

- Organização das Nações Unidas (2006). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Sede das Nações Unidas. Nova Iorque.  
[http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/41/docs/comentarios\\_a\\_convencao\\_sobre\\_os\\_direitos\\_das\\_pessoas\\_com\\_deficiencia.pdf](http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/41/docs/comentarios_a_convencao_sobre_os_direitos_das_pessoas_com_deficiencia.pdf)
- Pacheco, D. (2011). Freak e a exclusão social. *Revista apontamentos midiáticos*, 3(3).
- Pereira, R. (2008). Anatomia da diferença: normalidade, deficiência e outras invenções. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Pessoa, S. C. (2018). Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiências e partilhas - Belo Horizonte: PPGCOM.
- Ramsden, P. (1992). *Learning to Teach in Higher Education*, London, Routledge.
- Rocha, T. B., & Miranda, T. G. (2009). Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior. *Revista Educação Especial*, 22(34), p. 197-212.
- Rodrigues, P. L., & Alves, R. L. G. (2013). Tecnologia Assistiva – Uma Revisão Do Tema. *HOLOS*, Ano 29, v.6, p.170-180.
- Sá, A. C. M., & Déa, V. H. S. D. (2020). Política de Acessibilidade na Universidade Federal de Goiás: da criação do documento à efetivação de ações. In A. C. M. SÁ, & V. H. S. D. DÉA. *Acessibilidade e Inclusão no ensino superior: Reflexões e ações em universidades brasileiras [Ebook]* – Goiânia: Cegraf UFG, p. 116.
- Silva, O. M. (1987). “A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje”. Edição 2. São Paulo: Cedas.
- Schirmer, C. R., Browning, N., Bersch, R. & Machado, R. (2007). *Atendimento educacional especializado: deficiência física*. São Paulo: MEC/SEESP.
- Souza, E. C. (2006). A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, 25(11), p. 22-39.
- Teodoro, V. D. (1992). “Educação e Computadores” In V. D. Teodoro & J. C. Freitas (Org.) – *Educação e Computadores*, Lisboa, GEP/ME, p. 9-25.
- Torres, E. F., Mazzoni, A. A., & Alves, J. B. M. (2002). A acessibilidade à informação no espaço digital. *Ci. Inf.*, 31(3), p. 83-91.
- Vendramin, C. (2019). Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. *Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos*, 2, 16-25.
- Vieira, A. M. D. P., & Nascimento, T. G. F. C. (2019). A inclusão no ensino superior: uma reflexão. *Conhecimento & Diversidade*, 11(24), p. 54-72.